



A morte como rememoração no afeto. análise fenomenológica da morte do Papa Francisco

Death as remembrance in affection. phenomenological analysis of the death of Pope Francis

**Paulo Sérgio Lopes Gonçalves*

Resumo:

Objetiva-se neste artigo analisar fenomenologicamente a morte do Papa Francisco como fenômeno de rememoração no afeto. Esse objetivo é justificável em três aspectos. O primeiro refere-se à fenomenologia hermenêutica heideggeriana, por possibilitar pensar a morte como um fenômeno de experiência fática de vida em que as possibilidades encerradas estão antecipadas na própria vida. Por isso, a morte é um fenômeno denotativo de vida vivida, de experiência de facticidade vital, de significação de sentido de vida. O segundo aspecto corresponde à morte do Papa Francisco como fenômeno concebido como manifestação pessoal, com repercussão social, midiática e eclesial, que explicitaram lágrimas, lamentações, agradecimentos e prospectivas. O terceiro aspecto corresponde ao significado da morte de um Papa que, fenomenologicamente, era um projeto de vida para a igreja católica e para a humanidade. Para atingir esse objetivo, apresentar-se-á a fenomenologia hermenêutica heideggeriana em sua estrutura fundamental, a fim de clarificar o tipo de análise a ser feita sobre a morte do Papa Francisco. Em seguida, analisar-se-á fenomenologicamente a morte do Papa Francisco e suas repercussões supracitadas, trazendo à tona o impacto significativo dessa morte. Ao final, será apresentado o significado da morte de Francisco como um projeto de vida para a igreja católica e para a humanidade, em que será utilizada a generalização fenomenológica como elemento de compreensão desse significado.

Palavras-chave: fenomenologia hermenêutica, fenômeno, morte, Papa Francisco

*Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG). Docente Pesquisador do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC). Contato: paselogo@puc-campinas.edu.br

Revista de Cultura Teológica

Texto enviado em
05.08.2025

Aprovado em
17.11.2025

Ano XXXIII - V. 34 - Nº 111
Mai - Dez 2025



Programa de Estudos
Pós Graduação em
Teologia - PUC/SP

Abstract:

The objective of this article is to phenomenologically analyze the death of Pope Francis as a phenomenon of affectionate remembrance. This objective can be justified in three ways. The first refers to Heidegger's hermeneutic phenomenology, as it makes it possible to think of death as a phenomenon of the concrete experience of life, in which the possibilities inherent in life are anticipated. For this reason, death is a phenomenon denoting life lived, an experience of vital facticity, and an expression of the meaning of life. The second aspect corresponds to the death of Pope Francis as a phenomenon conceived as a personal manifestation with social, media, and ecclesial repercussions that elicited tears, lamentations, gratitude, and hopes. The third aspect corresponds to the meaning of the death of a Pope who, phenomenologically, represented a life project for the Catholic Church and for humanity. To achieve this objective, Heidegger's hermeneutic phenomenology will be presented in its fundamental structure in order to clarify the type of analysis to be conducted regarding the death of Pope Francis. Then, the death of Pope Francis and its repercussions will be phenomenologically analyzed, highlighting the significant impact of this event. At the end, the meaning of Francis' death as a life project for the Catholic Church and humanity will be presented, using phenomenological generalization as a tool to understand this meaning.

Keywords: hermeneutic phenomenology, phenomenon, death, Pope Francis

1. Introdução

O bjetiva-se neste trabalho analisar fenomenologicamente a morte do Papa Francisco como fenômeno de rememoração no afeto. Esse objetivo é justificável em três aspectos: a plausibilidade fenomenológica da análise da morte, o fenômeno da morte do Papa Francisco e a vida como projeto.

No primeiro aspecto, a fenomenologia hermenêutica heideggeriana possibilita pensar a morte como um fenômeno de experiência fática de vida em que as possibilidades encerradas estão antecipadas na própria vida. Por isso, a morte é um fenômeno denotativo de vida vivida, de experiência de facticidade vital, de significação de sentido de vida. O segundo aspecto é que a morte do Papa Francisco se tornou um fenômeno concebido como manifestação pessoal com repercussão social, midiática e eclesial que explicitaram lágrimas, lamentações, agradecimentos e perspectivas. O terceiro aspecto corresponde ao significado

da morte de um Papa que não apenas tinha um projeto de vida, mas também era fenomenologicamente um projeto de vida para a igreja católica e para a humanidade.

Para atingir esse objetivo, apresentar-se-á a fenomenologia hermenêutica heideggeriana em sua estrutura fundamental, tomando como base sua obra *Phänomenologie des Religiösen Lebens* e *Sein und Zeit*, a fim de clarificar o tipo de análise a ser feita sobre a morte do Papa Francisco. Em seguida, analisar-se-á fenomenologicamente a morte do Papa Francisco e suas repercussões supracitadas, com fundamentação em sua autobiografia (2025), textos de seu magistério e comentadores (PASSOS, 2025; MIRANDA, 2017; PIQUÉ, 2013; BORGHESI, 2018), trazendo à tona o impacto significativo dessa morte. Ao final, será apresentado o significado da morte de Francisco como um projeto de vida para a igreja católica e para a humanidade, em que será utilizada a generalização fenomenológica como elemento de compreensão desse significado.

2. A fenomenologia hermenêutica heideggeriana

O caminho de Martin Heidegger (1889-1976) na fenomenologia inclui sua proximidade com Edmund Husserl (1859-1938) ocorrida já em 1911 quando, ao mergulhar nos estudos de filosofia, leu a obra *Investigações Lógicas* e também se debruçou sobre as obras de Franz Brentano e Carl Braig, intituladas respectivamente *Da múltipla significação do ente em Aristóteles* e *Compêndio de Ontologia*, inferindo daí também as teorias de Aristóteles, Tomás de Aquino e Suarez. Ao debruçar-se nesses autores, Heidegger aproxima-se de Husserl, tornando-se seu aluno e seu secretário, junto com Edith Stein. Gradativamente foi adquirindo autonomia para configurar a sua fenomenologia, que lhe daria margem para buscar construir uma ontologia fundamental que recuperasse o ser em sua história, uma vez que a metafísica havia se esquecido do ser, apropriando-se do ente, privilegiando o ente supremo, constituindo-se no que ele mesmo denominou de ontoteologia (HEIDEGGER, 1967).

Concentrando-se no mundo da vida – *Lebenswelt* – husserliano, Heidegger se pôs a pensar fenomenologicamente sua vida, marcadamente religiosa – o seu pai havia sido sacristão da Paróquia de Messkirch, a mesma cidade em que Heidegger desejou ser enterrado, foi jesuíta, estudou Agostinho, Tomás de

Aquino e o tomismo, leu e interpretou escritos da mística medieval e textos de Lutero – e como o ser se apresenta na vida. Por isso, elaborou a expressão “experiência fática de vida” – *Faktische Lebenserfahrung* –, para utilizá-la tanto na compreensão da fenomenologia, através de seus escritos intitulados *Phänomenologische Interpretation zu Aristoteles* (HEIDEGGER, 1985) e *Ontologie. Hermeneutik der Faktizität* (Heidegger, 1982), quanto na análise da vida religiosa, mediante os estudos sobre a mística medieval, a conceituação sobre fenomenologia da religião e sua aplicação em cartas paulinas, e sobre a experiência religiosa de Agostinho no livro X das *Confessiones* (HEIDEGGER, 1995). Desse conjunto, Heidegger identificou a experiência fática de vida com o existir humano, em que se efetiva a própria hermenêutica como efetividade da compreensão e da interpretação de sentido dessa mesma existência.

Ao considerar que a vida é experiência fática, Heidegger visualizou a historicidade da existência humana e, por conseguinte, a temporalidade que subjaz no existir do ser humano, exigindo-se *curare* para que a vida seja vivida em todas as suas incursões. Ao realçar o *curare* a vida, relacionar a experiência de vida com a existência humana, por sua vez associada com a hermenêutica, Heidegger compreende que o tempo é fundamental para compreender fenomenologicamente as incursões do ser humano em sua vida. Por isso, gradativamente saltou da fenomenologia hermenêutica da facticidade para uma fenomenologia hermenêutica da existência – ou propriamente analítico-existencial –, começando na conferência *Der Begriff der Zeit* (HEIDEGGER, 2002), em 1924, e chegando até a sua ontologia fundamental presente na obra *Sein und Zeit* (HEIDEGGER, 1976) em 1927.

É em *Sein und Zeit* que Heidegger articula a ontologia fundamental com a fenomenologia hermenêutica da existência e concebe o ser humano lançado no mundo, concebido tripartidamente como mundo de si (*Selbstwelt*), mundo compartilhado (*Mitwelt*) e mundo circundante (*Umwelt*), para existir de maneira autêntica ou inautêntica. A autenticidade da existência está no ser humano – denominado por Heidegger como *ser aí* (*Dasein*), realçando também o aí do ser, que implica a situação hermenêutica do ser humano –, lançar-se no mundo temporalmente, caracterizando-se em sua transcendência horizontal à medida que

possui três *ek-stases* de temporalidade presentificada, pois o tempo é o presente que rememora o passado e antecipa o futuro. Nesse sentido, o próprio tempo possibilita pensar que o ser humano seja um “ser para a morte” – *Sein zum Tode* –, denotando seus limites e sua finitude. Por isso, a morte encerra as possibilidades de vida do ser humano e o leva a buscar antecipar tais possibilidades em sua existência. E quando o faz com liberdade, que é sempre hermeneuticamente situada, correndo riscos e configurando a existência, torna o existir autêntico.

Diante do exposto, a fenomenologia hermenêutica da existência elaborada por Heidegger acolhe que a fenomenologia seja o “acesso às coisas mesmas”, mas que essas coisas se constituam em um fenômeno que é analisado pela clivagem da hermenêutica, que nada mais é do que senão o processo de compreensão, que exige o lançar-se do ser humano no mundo a ser compreendido, e de interpretação, que é propriamente quando o ser humano encontra o sentido do fenômeno analisado. Por isso, uma fenomenologia hermenêutica da morte é uma análise em que o(a) fenomenólogo(a) possui acesso à morte como fenômeno vivido existencialmente, marcado por uma significação de conotação vivencial. Essa significação possui intrinsecamente mundanidade à medida que quem analisa fenomenologicamente possui um mundo próprio, que é relacional com o mundo dos outros e com o mundo circundante.

A análise fenomenológica da morte se debruça sobre o fenômeno como acontecimento temporal, que, mesmo sendo presente, possui uma força rememorativa, remetendo ao passado não como uma historiografia de cunho empírico, mas como o que há de ser revivificado, conforme a designação que Heidegger o fizera apropriando-se da noção agostiniana de memória como vida. Essa temporalidade tão própria do presente é também incisiva no futuro, pois, no âmbito da transcendência *ek-stática*, o futuro é antecipado, mesmo que se manifeste como o que será realizado ou propriamente o *porvir*. Resulta, então, a importância dada por Heidegger à categoria cuidado – *Sorge* –, que, tomada do mito de Hígino, é concebida como algo intrínseco ao próprio ser humano. Cuidar é dispensar atenção, ser solícito, zelar por outrem, de modo que o cuidado evoca uma configuração existencial de vida marcada pela relação compartilhada com o mundo de outrem, em uma mundanidade situada hermeneuticamente (BORGES DUARTE, 2021).

A fenomenologia hermenêutica aplicada à situação de morte não significa destruição e final catastrófico, mas que a própria morte é um horizonte de possibilidades que foram encerradas. No entanto, esse encerramento não significa que essas possibilidades não acontecerão mais, mas que podem ter sido realizadas à medida que o ser humano, enquanto *Dasein*, deu sentido autêntico à sua existência ou propriamente configurou existencialmente a sua vida. Por isso, a morte é rememoração que remete a um passado vivo, de configuração existencial, marcada por sentido de existência ou, no dizer clássico heideggeriano, de facticidade da vida. Essa rememoração é passível de ser feita à proporção que, em sua realização, permeiam-se os afetos, trazidos por Heidegger nas lições sobre o livro X das *Confessiones: tristitia, metum, cupiditas e laetitia*. As experiências desses sentimentos afetivos são experiências de vida, realizadas na própria vida, em facticidade vital, que é propriamente o existir humano.

São essas experiências que são manifestadas na morte do Papa Francisco (1936-2025), um homem que veio de “quase do fim do mundo” (FRANCISCO, 2013a) para ser o bispo de Roma, que preside o colégio episcopal na caridade. Por vir desse lugar, situado na Argentina, originariamente de *Flores* – um bairro de Buenos Aires, constituído majoritariamente de imigrantes italianos –, esse homem possuía uma história de vida que sempre o acompanhou em seu pontificado, conduzido e realizado em um mundo próprio, compartilhado e contextualizado em mundo circundante em que vigora uma Igreja marcada pela crise e por muitos desafios contemporâneos de ordem moral, econômica, eclesial e evangelizadora. Por isso, cabe então perguntar: o que é fenomenologicamente a morte do Papa Francisco?

3. O impacto da morte do Papa Francisco

Ao despertarmos de nosso sono noturno, no dia 21/04/2025, deparamo-nos com a notícia estampada nos jornais: “Morre Papa Francisco, aos 88 anos” (LABOISSIÈRE, 2025). Com efeito imediato, as redes sociais e os diversos tipos de mídias repercutiram a notícia, principalmente porque, nos dias anteriores, durante celebrações da semana santa, Francisco, debilitado em sua saúde, apareceu em público para saudar a todos, desejar-lhes feliz páscoa e, a seu modo

próprio, despedir-se das pessoas que compunham o seu mundo circundante – e que mundo complexo, marcado por uma intensa e imensa história de encontro com as pessoas, de institucionalização da sua condição de “Pastor” e “chefe de Estado”. Marcante foi sua presença, no sábado, dia 19/04, ao visitar um presídio em Roma, tendo respondido – inclusive explicitando sua fragilidade ao ter dificuldades para respirar e ao falar com voz rouca – à repórter que lhe perguntava acerca de seu sentimento em estar naquele lugar: “ponho-me a pensar: por que eles estão aqui e não eu?”

A notável fragilidade de Francisco era fruto de diversos problemas de saúde que o assolavam fazia algum tempo, especificamente desde fevereiro deste ano, quando foi internado por problemas pulmonares sérios, recordando sua debilidade obtida ainda quando era seminarista diocesano, por ter passado por uma doença que lhe custou fazer uma cirurgia que diminuiu um de seus pulmões (FRANCISCO, 2025).

Não obstante que tenha estado internado por mais de dois meses no hospital Gemelli, de Roma – considerado o hospital de atendimento aos Papas –, Francisco não deixou de ser o pastor de suas ovelhas, mesmo em seu quarto de hospital, realizando atividades administrativas do Vaticano e frequentando a respectiva capela, ao rezar pela paz na faixa de Gaza, na Ucrânia e em outras situações de “uma grande guerra feita de guerras em pedaços” e ainda ao realizar suas meditações pessoais. Francisco insistiu com seus assessores que não escondessem informações sobre sua saúde ao “povo fiel de Deus” (FRANCISCO, 2013, p. 96) e que não o impedisse de realizar a experiência de empatia com as pessoas. Por isso, com prudência, saiu na varanda do hospital para saudar as pessoas em algumas ocasiões, mostrando-se frágil, um caminhante lutador e esperançoso ao mostrar-se sorridente, tal como muitas pessoas do mencionado povo.¹

1. Segundo os arquivos do *Vatican News*, dos meses de fevereiro e março, durante todo o tempo em que o Papa Francisco permaneceu no hospital, a sua rotina de oração, alimentação, sono e procedimentos teve, geralmente, o trabalho de sua mente e de suas mãos, não deixando de ser o pastor que governa, ensina e celebra a fé em favor do “povo fiel de Deus”.

Por conta dessa postura ativa no combate à doença, a morte de Francisco causou impacto social, cultural e religioso, ainda que a possibilidade de morte era evidente devido a um quadro complexo, que, sempre quando explicitado com o respectivo diagnóstico, jamais era conclusivo e isento de perigo de morte. A imensidão desse perigo se concretizou na própria *causa mortis*, um acidente vascular cerebral, denso e indefensável para o frágil Francisco.

Esse impacto se fez presente no envolvimento jornalístico realizado nas coberturas totais que os canais de comunicação social e midiática levaram a cabo, mediante entrevistas com especialistas sobre igreja católica, com políticos e pessoas do povo. Além disso, muitas comunidades cristãs, especialmente as católicas, estiveram em oração pelo Papa durante a sua última estada no hospital e também por ocasião de sua morte, com orações, missas em favor da saúde e, posteriormente, missas em sufrágio. Um número expressivo de pessoas manifestou-se para visitar o corpo de Francisco em Roma, evidenciando carinho, últimas homenagens e profunda gratidão pelo seu pontificado,² que, desde o início – conforme será mostrado posteriormente –, mostrou-se pobre, com os pobres e dos pobres. Não faltaram manifestações institucionais de outras religiões e em outros segmentos que lamentaram a morte de Francisco, rezaram por ele e, principalmente, pelos rumos que a Igreja católica haveria de tomar com a eleição e a assunção do novo Papa. Isso mesmo, não apenas as pessoas e as instituições católicas se manifestaram, mas também outras pessoas e instituições religiosas e laicas, pois Francisco alcançou a comunidade humana como um todo ao longo de seu pontificado, sobretudo por apresentar-se como uma personalidade de profunda alteridade, marcada pela proximidade, respeito, compaixão e solidariedade com o outro em sua condição de *autrement*.³

A preocupação com o novo Papa não foi tão frequente enquanto ocorriam as cerimônias do funeral de Francisco, devido à própria intensidade e imensidão

2. Segundo o G1, da rede Globo, cerca de mais de 400 mil pessoas estiveram presentes no funeral do Papa Francisco. Veja: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/04/26/cerca-de-400-mil-pessoas-estiveram-presente-no-funeral-do-papa-francisco-dizem-autoridades.ghtml>.

3. Um dos autores a influenciar o pensamento de Francisco foi Paul Ricoeur (1997), que utilizou a expressão *autrement*, para apontar a alteridade concebida na perspectiva de sua filosofia hermenêutica. Isso significa que o outro é diferente, diverso e interpelativo à sua compreensão e interpretação, que possibilita o reconhecimento, a proximidade e a justiça na convivência.

do legado do Papa argentino. Afinal, ele havia sido o primeiro Papa não europeu e latino-americano, o pontífice de inúmeras viagens – algumas inéditas a um Papa –, de muitos encontros inter-religiosos, de audiências com líderes mundiais, visando à paz, e com líderes de movimentos populares, objetivando o protagonismo deles na edificação da justiça em todas as suas dimensões. Além disso, foi o Papa quem escolheu esse nome para trazer à tona o legado de São Francisco de Assis, o *poverello* que instigava à pobreza da Igreja, à “fraternidade universal” e à “ecologia integral” (FRANCISCO, 2015a, p. 85). Dessa forma, mostrou-se como o Papa do diálogo, que levou a cabo um projeto de uma Igreja efetivamente sinodal, marcadamente de comunhão, diálogo, capaz de “escutar e caminhar juntos” (FRANCISCO, 2015b, p. 2). A sinodalidade expressa a “Igreja em saída” (FRANCISCO, 2013b, p. 19), que vai ao encontro das “periferias existenciais”, com misericórdia – pois “o nome de Deus é misericórdia” (Francisco, 2016) – e esperança, que possui uma “teologia em saída” realizada epistemologicamente de forma interdisciplinar e constituída de redes pessoais e institucionais, jamais se esquecendo de ser uma teologia cordial, feita com o coração. Eis, então, elementos denotativos da morte como rememoração *in afecctiones* à medida que, em seu legado, vigoram experiências afetivas, denotativas de uma espiritualidade que evidencia a experiência amorosa de Deus, que o próprio Francisco realizou em sua vida e deixou em seus anos de pontificado.

4. A pobreza

A pobreza é um tema que a teologia contemporânea tem sistematizado com frequência, em função da efetividade das teologias contextuais, especialmente a teologia da libertação e a teologia do povo – corrente da teologia da libertação que era frequentada por Francisco quando era membro da comunidade jesuítica argentina –, que se caracteriza em três dimensões: a material, a espiritual e a ética (GONÇALVES, 2020). A primeira é referente à pobreza como carência econômica, exploração da força de trabalho, opressão política, marginalização cultural, étnica, de gênero e pedagógica. Caracteriza-se por sua materialidade denotativa de sofrimento sistêmico e “morte prematura”, da ausência de alteridade – violenta negação do outro – que impede a “fraternidade universal”,

descompromisso com o bem comum e com a “casa comum”, impossibilitando uma política beneficente e uma “ecologia integral”. A segunda dimensão, denominada espiritual, é uma forma de afirmar a pobreza como *status spiritualis* ou propriamente *modus vivendi* de experimentar o Espírito de Deus mediante o despojamento de si para relacionar com outrem, o desprendimento da riqueza econômica e do *status quo* social, político e cultural. É ainda a efetividade da humildade, enquanto é *humilitas* denotativa de descer ao húmus, é um ato *kenótico*, por descer à terra ou colocar-se abaixo de tudo. A terceira dimensão é referente ao compromisso e à responsabilidade ao combater a pobreza material, levando a cabo a pobreza espiritual, visando à justiça em todas as suas dimensões, à fraternidade, à cooperação e à paz entre os povos, ao cuidado para com a “casa comum” e à edificação de um novo ser humano que seja livre, compassivo, solidário, terno, aberto à alteridade e esperançoso.

Dessas três dimensões da pobreza, a segunda é a central à medida que a espiritualidade propicia tanto um *modus vivendi* marcado por simplicidade, humildade e cordialidade quanto uma ética de responsabilidade pelo outro e pela “casa comum”. Dessa forma, o ser humano humilde é o ser humano que cuida e quem cuida tem sensibilidade, solicitude, zelo, atenção, respeito e empenho alternativo pela mundanidade compartilhada e circundante (GONÇALVES, 2020).

Ao ser eleito, o cardeal Bergoglio foi interpelado a escolher um nome para o seu pontificado, honrando uma tradição antiga, que indica ser o novo nome a marca de uma nova etapa na vida da pessoa eleita. A sua escolha esteve relacionada ao próprio conclave, que ficou fortalecido pelas congregações gerais, em que se debatia o perfil do novo Papa a partir da eclesiologia fundamental e sua incidência contemporânea, que haveria de vigorar para superar elementos – tais como o tradicionalismo e o carreirismo – que não pertencem à ontologia da Igreja. A eleição de Bergoglio ganhou força quando ele fez um pronunciamento marcante, escrito à mão, na última congregação geral, recordando a ontologia da Igreja, cuja referência teológica é Cristo e não si mesma. Desse modo, recordava Sigmund Freud e Henri De Lubac, ao evocar respectivamente o narcisismo e o mundanismo como dois grandes males à Igreja à medida que ela é referência de si mesma, causando-lhe a incapacidade de enxergar Cristo no rosto dos outros,

especialmente dos pobres, e custando-lhe a sua missão evangelizadora no mundo, a ser realizada de modo contemporâneo a cada época histórica (FRANCISCO, 2025). Esse discurso chamou a atenção dos cardeais e colocava Bergoglio como um dos elegíveis, uma vez que era “natural que o colégio cardinalício tivesse seus candidatos” (FRANCISCO, 2025, p. 233).

Assim que foi eleito no quinto escrutínio – uma eleição que durou apenas dois dias –, Bergoglio foi interpelado por seu amigo brasileiro, cardeal Cláudio Humes, ao lhe dizer “não se esqueça dos pobres” (FRANCISCO, 2025, p. 235). Essa frase foi decisiva para que Bergoglio escolhesse o nome de Francisco, lembrando o *poverello* de Assis, ícone da fraternidade ao ser pobre com os pobres e ao proclamar que há uma fraternidade cósmica, em que todos os seres vivos são irmãos. Assim que manifestou o desejo de ser chamado Francisco, irromperam aplausos com intensidade e densidade de contentamento, porque a “Igreja em crise” necessitava de reformas profundas, que eram icônicas em Francisco de Assis. A humildade franciscana tomou conta de Bergoglio, a ponto de, em meio aos aplausos, sair de seu lugar e ir para onde estava o cardeal Scola, arcebispo de Milão e “um fortíssimo candidato” ao papado. Essa espontaneidade denotativa de humildade se estendeu para a “sala das lágrimas”, onde o novo Papa deveria se paramentar. Assim sendo, retiraram-lhe o anel de cardeal, então Bergoglio lembrou de que tinha, em um dos bolsos de suas calças, o anel da ordenação episcopal e o colocou em um de seus dedos. Em seguida, trouxeram-lhe a cruz pontifical, feita de ouro, mas ele quis continuar utilizando a sua cruz também da ordenação episcopal, que era feita de alpaca. Algo similar aconteceu ao negar os sapatos vermelhos, para continuar com os seus sapatos ortopédicos, comuns na Argentina, e ao não utilizar a mozeta de veludo e a alava de linho. Essa humildade se estendeu ao terminar a investidura e dirigir-se ao cardeal Ivan Dias, que estava em cadeira de rodas, para abraçá-lo. Não se sentou no trono preparado diante do altar João Paulo II para receber os cumprimentos com um beijo em sua mão. Fez questão de ficar de pé e abraçar os seus irmãos, porque, entre os cardeais, “todos são irmãos” (FRANCISCO, 2025, p. 237).

Em sua simplicidade, Francisco desconhecia o protocolo de apresentação e, em vez de chamar o cardeal Giovanni Battista Re, que era o cardeal decano

para acompanhá-lo na apresentação ao povo, chamou o cardeal Agostino Vallini, vigário de Roma, e o seu amigo cardeal Cláudio Humes, para que o acompanhassem. Apresentou-se ao lado de ambos, com um espontâneo sorriso, disse que os cardeais elegeram um Papa que estava vindo de “quase do fim do mundo”, o bispo de Roma, e solicitou a bênção do povo, inclinando-se para recebê-la (Francisco, 2025). Estava estampada a sua humildade franciscana ao solicitar a bênção do povo e a sua sistemática teológica, própria de um jesuíta, ao afirmar ser o bispo de Roma.

Esse acontecimento tornou-se a marca de todo seu pontificado ao passo que escolheu residir no colégio Santa Marta, para não ficar isolado, não ser tratado como um rei ou príncipe, mas para conviver com as pessoas, a fim de compartilhar a sua vida com elas, para levar a cabo processos de reforma da Igreja, para firmar a tradição originária do pontificado, marcada pela simplicidade do apóstolo Pedro. A sua pobreza espiritual o lançou ao mundo para reformar a cúria romana, mundializando-a com nomeações de pessoas oriundas de todos continentes, dando passos para incluir as mulheres na direção da Igreja, sendo o primeiro Papa a nomear uma mulher, a irmã Simona Brambilla, missionária da Consolata, nomeada aos 06 de janeiro de 2025, para a função de prefeita do dicastério dos Institutos da vida consagrada. Criou, em seu governo, um grupo de cardeais para ajudá-lo a pensar a Igreja, para aconselhá-lo sobre os melhores caminhos a seguir, apresentado coragem para escutar, discernir na experiência da desolação e da consolação. Por essa pobreza, esteve sempre ligado aos pobres oprimidos, agredidos, marginalizados, descartados de Lampedusa, da Síria, do Sudão do Sul, das ruas de Roma, da América Latina, da faixa de Gaza, da Ucrânia e de tantos outros lugares do mundo, vítimas das guerras, do não acolhimento, da política da força e da não cooperação. Essa ligação se efetivou por intervenções realizadas nos apelos, orações e disposição para que o Vaticano mediasse acordos de paz⁴.

A pobreza espiritual de Francisco não é um estado de espírito circunstancial do papado, mas uma dimensão ontológica de Jorge Mario Bergoglio, o primeiro

4. Um exemplo de pobreza espiritual na oração ocorreu aos 27 de março de 2020, quando Francisco, sozinho na praça São Pedro, rezou pela humanidade, que se situava em estado pandêmico naquele momento de apreensão e perplexidade (Miato, 2025).

filho de Mario Giuseppe Bergoglio e Regina Maria Savori, imigrantes italianos, trabalhadores e talentosos, que construíram uma família com cinco filhos. É na família que Bergoglio aprendeu a conviver com outrem, dividindo o quarto com seu irmão Mário, acompanhando suas irmãs, especialmente Helena – a mais jovem –, aprendendo ofício de trabalho com seu pai, piano, música e literatura com sua mãe e os primeiros passos da disciplina para o estudo, que seria aperfeiçoada com os jesuítas. Foi na família que iniciou a sua devoção à Virgem Maria, olhando-a originalmente como “mãe do céu”, para posteriormente tê-la como “mãe da Igreja”, “mãe dos seres humanos”, “mãe dos pobres”. Por isso, Francisco sempre esteve na Basílica de Santa Maria Maggiore para rezar, um dia antes de suas viagens apostólicas e em outras ocasiões fundamentais para o pontificado. Essa devoção explica e explicita a sua vontade testamentária em ser sepultado nessa Basílica. Com sua pobreza, Francisco foi um jovem que trabalhava e estudava, tendo se formando em técnico de química, embora não o exercesse nem mesmo quando realizou o seu estágio de docência, na condição de noviço jesuíta. Essa pobreza lhe ajudou a dirigir o colégio jesuíta San Miguel com abertura aos estudantes e seus familiares, tendo sido um tempo de exercício do diálogo, prioritariamente da escuta para caminhar juntos (FRANCISCO, 2025), ensaiando o que ele protagonizaria em seu pontificado como “sinodalidade”, expressão denotativa de harmonia e missão eclesial.

Por meio da pobreza espiritual, Francisco mostrou-se desde a infância uma pessoa sensível aos sofrimentos dos pobres e interpelado ao compromisso ético, mas sobretudo imbuído de um *status spiritualis* que o colocava como pobre entre os pobres, para conviver com os pobres e ser dos pobres, que, espiritualmente, alcançam a universalidade do *humanum*.

5. Harmonia, Missão e Esperança

Em seu primeiro ano de pontificado, Francisco escreveu a sua exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, que se tornou o programa de pontificado. A despeito do Sínodo da Nova Evangelização, realizado em 2012, no pontificado de Bento XVI, Francisco não fez da *Evangelii Gaudium* uma exortação pós-sinodal e, ainda que tenha se utilizado de reflexões sinodais, colocou

originalidade para apresentar o seu programa de pontificado com tudo o que significa evangelizar. Nesse sentido, evangelizar é acolher, viver, anunciar e testemunhar a boa notícia do amor de Deus aos seres humanos, revelado por Jesus Cristo. Então, a evangelização a ser realizada pela Igreja exige acolhimento ao evangelho, para que seja vivido como amor de Deus aos seres humanos, efetivado no amor entre os seres humanos e no cuidado ecológico para com o planeta em que habita toda a humanidade. Desse acolhimento, emerge a missão de anunciar e testemunhar, pois não é possível evangelizar sem a intimidade com o evangelho ou propriamente sem a experiência da alegria do encontro com o Senhor (MIRANDA, 2017). É do sentido de evangelização que Francisco critica os perigos do narcisismo e do mundanismo à Igreja, pois eles a tornam referência de si mesma, permeada pela busca do triunfo e do *status*, pela uniformização das realidades, pela imposição doutrinária, pelo moralismo com a consequência da exclusão de pessoas do convívio social e eclesial, e principalmente pela substituição do “Senhor” pelos “senhores”.

Para superar a crise da Igreja, estampada por Bento XVI, na ocasião de sua renúncia, trazendo à tona diversos escândalos, principalmente da pedofilia e da corrupção econômica, Francisco visualizou a evangelização como caminho fundamental da superação, por entender que ela não apenas expressa a missão da Igreja, mas integra sua própria constituição ontológica. Para evangelizar, a Igreja necessita estar em unidade ou, precisamente, em harmonia em suas diferenças ministeriais, culturais, sociais e religiosas, para que todos(as) se sintam in *Ecclesia*. Por isso, Francisco utilizou a imagem do poliedro, em que as partes constituem o todo, sem que haja um vértice central, mas todos os vértices são pontos de unidade uns com os outros. Pela imagem do poliedro, a Igreja possui simultaneamente diversidade e unidade, em que Deus não é posse de uma parte, mas é o *Deus revelatus* na singularidade das comunidades cristãs e dos povos.

A harmonia estampada no poliedro não supõe a extinção nem a diminuição da diferença, mas a proximidade entre as diferenças, visando construir unidade, aguçar a sua dinâmica, a qual acentua a comunicação entre as singularidades, para realçar a unidade na diversidade de povos e comunidades. Nesse sentido, a harmonia está presente no que se denomina por “sinodalidade” (FRANCISCO,

2015b), que não é simplesmente o modo de levar a cabo o sínodo dos bispos em sua institucionalidade, mas a maneira de construir a comunhão eclesial, social, cultural, explicitando a “fraternidade universal” dos povos. Resulta daí que a sinodalidade corresponde a processos de diálogo, inclusão, superação dos “muros”, para a construção de pontes que possibilitem a efetividade da “amizade social” (FRANCISCO, 2020, p. 105) dos povos, de relações interpessoais marcadas por respeito e alteridade e pela busca da “ecologia integral”, em que todos os entes estão entrelaçados, são interdependentes, estão interconectados e realizam a cooperação uns com os outros.

A harmonia eclesial possui fundamentação teológica, especialmente na compreensão da Igreja como corpo de Cristo, sendo um corpo composto de muitos membros, animado pelo mesmo Espírito e regido pela única cabeça: Cristo. Por isso, esses membros possuem dons inspirados pelo Espírito, para que se transformem em ministérios, concebidos como serviço que são reconhecidos pela *communitas fidelium* como ministérios. Esses ministérios são serviços eclesiais, segundo a inspiração do Espírito e a designação de Cristo, cabeça da Igreja. A harmonia eclesial incide também na harmonia dos bispos, que constituem um colégio episcopal, em que o Papa, concebido como o bispo de Roma, preside esse colégio na caridade.⁵ Essa foi uma das tonalidades empregadas por Francisco para compreender a Igreja e o próprio Papado: vigora a comunhão do “povo fiel de Deus” na Igreja de Cristo e o papado é realizado em meio ao entrelaçamento da vida do bispo de Roma com os seus irmãos no episcopado e com todo esse “povo fiel de Deus”. Por isso, Francisco enfatizou a relevância do sacramento do batismo para o apostolado de toda a Igreja, cada qual com sua responsabilidade ministerial, mas jamais desvinculada do conjunto do corpo, sempre inspirado pelo Espírito, e muito menos da cabeça – Cristo –, que rege o corpo. Nesse sentido, a própria hierarquia ministerial é sinônimo de

5. Após dois meses de sua eleição, Francisco recebeu o rascunho do Anuário Pontifício, tendo devolvido a primeira página para correção. Nela constavam os títulos atribuídos ao Pontífice: “Vigário de Jesus Cristo, Sucessor do Príncipe dos Apóstolos, Soberano, Patriarca... Pedi que se retirasse tudo isso e deixasse apenas bispos de Roma. O restante ficou na segunda página. Apresentei-me desse modo desde o primeiro dia, simplesmente, porque é a verdade. Os outros títulos não deixam de ser reais, a história e os teólogos tiveram suas razões para acrescentá-los, mas apenas porque o papa era e é o bispo de Roma” (Francisco, 2025, p. 353).

ministério e serviço, não de *status quo* e privilégios diversos. Não é aleatório que Francisco tenha explicitado que o título de Papa que mais lhe agrada é o de *Servus servorum Dei*, pois o bispo de Roma, que preside o colégio episcopal na caridade, é o “servo que serve a todos” (FRANCISCO, 2025, p. 353).

Dessa harmonia eclesial, fundada na concepção de Igreja como comunhão, tem-se a missão evangelizadora da Igreja, que se situa em dois níveis: *ad intra* e *ad extra*. No âmbito *ad intra*, a Igreja é comunidade fraterna, em que seus membros se reconhecem uns aos outros como membros da mesma Igreja, assumem a respectiva responsabilidade comunitária e ministerial. No âmbito *ad extra ecclesia*, a Igreja simultaneamente possui a missão evangelizadora e é propriamente missão, pois a Igreja como comunidade fraterna, de pessoas configuradas em Cristo, é missionária: a Igreja é missão. Por isso, o Papa Francisco, visando dar novo impulso missionário à Igreja, em uma perspectiva de nova evangelização, lançou a expressão “Igreja em saída”, que implica à missão evangelizadora da Igreja ultrapassar as suas fronteiras institucionais, situar-se no mundo, dirigir-se às outras pessoas, principalmente às “periferias existenciais” do mundo, onde vigoram o sofrimento e a ausência de sentido à própria existência.

Uma “Igreja em saída” se identifica com a missão evangelizadora, prima pelo diálogo, entrelaça humildemente a sua vida com a vida de outrem, anuncia o evangelho, efetuando a inculturação,⁶ para que o evangelho seja verdadeiramente boa notícia, ao ser recepcionado por outrem, segundo as matrizes compreensivas de sua própria cultura, e o testemunha na caridade, a ser efetivada na forma de justiça, fraternidade e paz. Por isso, essa Igreja não é narcisista nem mundanista. Por conseguinte, não possui referência em si mesma, mas, referenciada em Cristo, é mundana, ao entrelaçar o seu mundo com outros mundos, considerando o mundo circundante – o contexto da epocalidade histórica –, em que o evangelho

6. A inculturação é um conceito teológico, que se apropria dos conceitos antropológicos de cultura, aculturação, enculturação e interculturação para evidenciar que a evangelização é realizada pela mediação da cultura e que os sujeitos envolvidos – aquele anuncia e aquele que recepciona o evangelho – aproximam-se um do outro, intercambiam suas respectivas culturas, respeitam e assimilam elemento uns dos outros, de modo de que o evangelho se torna uma boa notícia na própria cultura de quem está envolvido no processo de evangelização (Gonçalves, 2018).

há de ser anunciado e testemunhado. É uma Igreja que, atenta à superioridade da realidade à ideia e do todo à parte (FRANCISCO, 2013), atém-se à realidade de todos os seres humanos, principalmente os que estão na “periferia da existência” humana. Por isso, é uma Igreja que é misericordiosa, não julga⁷ e, conseqüentemente, acolhe os marginalizados, humanizando-os e colocando-os em seu seio materno.

Ainda que se constitua de ordenamento jurídico e institucional, a “Igreja em saída” não deixa de ser uma Igreja da caridade que se preocupa com a humanidade e com a “casa comum” em que essa mesma humanidade habita. Por isso, dirige-se aos seres humanos todos, para que se construa uma “ecologia integral”, em que todos os entes entrelaçam suas vidas umas com as outras, preservando e promovendo o ambiente, edificando relações sociais de “fraternidade universal”, em que se superam a discriminação e o preconceito, para desenvolver o acolhimento e a inclusão. Elaborar-se culturalmente uma mentalidade ecológica, em que o ser humano vive nas relações com os outros e com as coisas, e propriamente possui vida entrelaçada com outras vidas. A sustentação de uma ecologia que seja ambiental, social e mental é a espiritualidade ecológica, em que o mundo, em sua cosmicidade e humanidade, é a *creatio* concebida como fruto do sopro do Espírito de Deus, espaço de habitação de Deus, cuja presença abençoa e santifica a criação divina (FRANCISCO, 2015a).

A “Igreja em saída” é uma Igreja que age com o coração que imita o sagrado coração de Jesus (FRANCISCO, 2024), sendo misericordiosa, acolhendo, perdendo, cuidando de todo(as), principalmente das vítimas das guerras e das atrocidades que ainda estão presentes no mundo. O coração da Igreja enxerga a realidade em suas dores e gemidos não apenas causados pelo sofrimento

7. No retorno de sua primeira viagem apostólica, realizada no Brasil, durante a Jornada Mundial da Juventude, no voo de retorno à Roma, a repórter Ilze Scamparini perguntou ao Papa Francisco sua posição sobre os *gays*. De imediato, Francisco respondeu: “quem sou eu para julgar os *gays*?”. Essa resposta teve imensa repercussão, tanto no âmbito jornalístico, por ser concebida como uma pergunta ousada em função do rigor com que foi tratada tradicionalmente a questão, quanto no âmbito institucional do Vaticano, já que a resposta poderia causar a especulação sobre questões doutrinárias e disciplinares da Igreja em relação às pessoas homossexuais. Segundo o testemunho da própria jornalista, inclusive emocionada, no dia em que foi sepultado Francisco – 26/04/2025 –, houve repreensões à sua pergunta, que lhe acometeu ao constrangimento.

que poderia ter sido evitado, mas também pelo parto do *novum* gestado pela esperança, concebida como ato de esperar em movimento a respeito daquilo que se espera. Assim sendo, uma “Igreja em saída” é uma Igreja cordial e, portanto, hospitaleira, cuidadosa, capaz de perdoar para reconciliar, promover a paz, compadecer-se com as vítimas, chorando por elas e com elas, seja na proximidade física, seja na proximidade oracional.

Uma Igreja cordial é uma Igreja da “alegria do evangelho” (FRANCISCO, 2013, p. 3) e da “esperança que não decepciona” (FRANCISCO, 2024), para recordar o título que Francisco concedeu ao ano jubilar atual. Ao seguir a tradição em proclamar um ano jubilar a cada 25 anos, Francisco – que já havia proclamado o jubileu extraordinário da misericórdia – desceu mais uma vez à realidade da história humana, marcada por guerras, crise econômica mundial, intensificação da tecnologia, em especial da inteligência artificial, que abre o futuro do *humanum* à perplexidade, mas também para diversos “sinais dos tempos”, em que a compaixão e a solidariedade não se esvaíram e em que o pluralismo cultural e religioso se manifesta como espaço para a vivência da unidade na diversidade. A esperança na perspectiva cristã é o próprio Cristo, Senhor que venceu a morte como inimiga, mediante sua paixão, morte e ressurreição, que há de ser testemunhado em nossa relação com as pessoas, imbuídas de *autrement*, de alteridade interpelativa que propicia a proximidade, “*el cara-a-cara*” (SCANNONE, 1990, p. 141) para a vivência da caridade, que operacionaliza a fé e suscita a esperança que vem do próprio Deus.

A esperança é o nome do futuro, marcado por otimismo, que não possui ingenuidade e que ignora os dramas e males presentes na história. “A esperança é a virtude do coração que não se detém na escuridão, não se fecha no passado, não vive como pode no presente, mas sabe ver o amanhã com lucidez” (FRANCISCO, 2025, p. 359). É a esperança assim concebida que fez com que Francisco pudesse ser grato a Deus pela vida de seu pai, o último filho de seus avós e o único sobrevivente, o único nascido aos sete meses de gestação, enquanto que os outros quatro irmãos morreram devido a um problema congênito que se concretizava somente depois do oitavo mês de gestação. Sem o nascimento e a vida de Mario Bergoglio, Jorge Bergoglio não teria nascido e vivido a sua

vida, conforme a configuração existencial efetivada em sua mundanidade. Essa mesma esperança fez Francisco acreditar em processos de vida, nos quais o transcendental⁸ se manifesta, já que a vida é permanentemente aberta ao *novum* ou, conforme pensava Heidegger, a vida possui a *Lichtung* para que abra ao “aberto” (BORGES DUARTE, 2021). Ao acreditar em processos e visualizar a sua respectiva historicidade – que também está imbuída do transcendental por ser elemento ontologicamente constitutivo do ser humano –, Francisco sempre teve consigo a sua família, originariamente de imigrantes, os seus amigos e suas amigas de infância, adolescência, juventude, as pessoas do *barrio* de Flores, em Buenos Aires, os seus confrades jesuítas e o povo a que serviram, os seus irmãos do episcopado, os presbíteros de suas dioceses – Buenos Aires e Roma – e os homens e as mulheres que participaram cotidianamente de seu pontificado, estando consciente de que a sua magnificência não estava em ser um Papa, mas o *servus servorum Dei* ou um ser humano que, ao ser colocado na vida do mundo, encontrou o seu espaço de existir, de modo a ser “só mais um passo” (FRANCISCO, 2025, p. 360) para os seres humanos e a Igreja.

A esperança trazida por Francisco não se esgota nos seus feitos, mas se situa no legado, que, a despeito do paradoxo de aceitação e resistência a esse pontificado, instaura-se tão historicamente nos processos desencadeados de uma Igreja de espírito sinodal, de uma “casa comum” a ser habitada no espírito de uma “ecologia integral”, de ser humano universalmente fraterno e confiantemente aberto a Deus (FRANCISCO, 2023). Por isso, Francisco, seguindo o exemplo do *poverello* de Assis, não teve medo da morte nem mesmo ficou atemorizado de morrer sem ter realizado suas ideias pontificais na Igreja. Já em 2019, tomou a decisão de escrever sua autobiografia, com a assessoria editorial de Carlo Musso. A ideia inicial era que essa obra fosse publicada logo após a sua morte, mas, devido ao ano jubilar da esperança, Francisco resolveu publicá-la em janeiro de 2025, porque a esperança jamais esteve distante de sua vida. A contrário, foi

8. O teólogo jesuíta Karl Rahner (1900-1984), bastante estudado por Jorge Bergoglio, denomina o ser humano “ouvinte da palavra” de Deus, por estar constituído ontologicamente do transcendental, compreendido como o *apriori* infinito presente no espírito finito (Rahner, 1989). Esse *apriori* infinito é a própria graça de Deus que subjaz no ser humano, tornando-o transcendente ou mesmo um *petit Dieu* – como diria Xavier Zubiri (2017), filósofo que também se pôs a dialogar com Heidegger e Rahner – que dialoga e coopera com Deus na continuidade da criação divina.

sua amiga desde sempre – destaca-se aqui o nascimento de seu pai, o encontro e o casamento de seu pai e sua mãe, seu ingresso na companhia de Jesus e, principalmente, os pobres, que foram seus permanentes amigos –, de modo a dar-lhe sustentação para confiar em Deus, manter-se sereno e livre – principalmente em sua eleição pontifical – e seguir em frente, com humildade, coragem e ternura. Como afirma o próprio Francisco, “sou apenas um passo”. Ao ser um passo, para que a Igreja se detenha no amor, na misericórdia e na esperança, irradiando justiça, fraternidade, paz e alegria para a toda a humanidade, a morte de Francisco não é de modo algum lamento, tristeza, lágrimas por perder um *magno* ser humano, um grande líder, mas a rememoração *in affectionis*, em que há passagem do medo à coragem, da tristeza à alegria e da angústia à esperança.

6. Conclusão

Ao final deste escrito, realizado com o rigor científico e também com o afeto pessoal que a rememoração da morte do Papa Francisco nos remete a analisá-la fenomenologicamente, urge a necessidade de sintetizar os elementos fundamentais.

O primeiro é que a análise fenomenológico-hermenêutica da morte do Papa Francisco remete à vida que se encerra enquanto porvir histórico da existência de um ser humano, que realizou sua configuração pessoal, enraizando-a na fé cristã, como elemento de sentido à sua existência. Então, é a própria vida de Francisco que possibilita a operação fenomenológica, pois ela emerge na morte com sua configuração mundana própria e relacional com o nosso mundo e o mundo que nos circunda na própria relação.

O segundo elemento é que a morte do Papa Francisco é a demarcação de um legado pessoal, mostrado fenomenologicamente na etapa de seu pontificado, que abarca um todo, personalizado na figura de Francisco. Assim sendo, a morte escancara que Bergoglio honrou o nome Francisco, sendo simples, humilde, alegre, espontâneo, sorridente, sensível, de potencial para a unidade na diversidade, de diálogo com *anderes*, no dizer heideggeriano, ou *autrement*, na expressão ricoueriana, e principalmente um ser humano cheio de fé, caridade e esperança.

O terceiro elemento é que a morte de Francisco remete à identidade narrativa de sua vida entrelaçada à vida da Igreja, o que também dá à Igreja uma identidade narrativa própria, que possui as marcas de Francisco. Nisso reside a vivacidade da tradição, que possibilita que o legado de cada Papa seja imbuído de uma mundanidade própria relacional, não somente com os Papas anteriores, mas sobretudo com a Igreja. Dessa forma, as configurações de “Igreja em saída”, “sinodalidade”, “fraternidade universal”, “ecologia integral”, “Igreja pobre” não são meramente circunstanciais, mas existenciais, que constituem a própria Igreja em sua identidade narrativa.

Enfim, a análise fenomenológico-hermenêutica do Papa Francisco nos remete à saudade de um ser humano que se tornou uma grande líder do catolicismo, que honrou a catolicidade da Igreja, ao abrir e compartilhar com os outros o seu mundo de alegria e esperança de que a morte não é inimiga, mas, com uma vida vivida in *affectionis*, é a irmã que nos conduz a quem confiamos, aquele cujo nome é “misericórdia”: Deus.

Referências:

- BORGES DUARTE, I. *Cuidado e Afectividade*: em Heidegger e na análise existencial fenomenológica. Rio de Janeiro: PUC-Rio – NAU editora, 2021.
- FRANCISCO, PP. Bênção Apostólica “Urbi et Orbi”. Primeira saudação do Papa Francisco aos 13 de março de 2013a, in https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130313_benedizione-urbi-et-orbi.html, acesso aos 30/07/2025.
- FRANCISCO, PP. *C'est la Confiance*. Sobre a confiança no amor misericordioso de Deus. São Paulo: Paulus, 2023.
- FRANCISCO, PP. Carta Encíclica *Dilexiti Nos*. Sobre o amor humano e divino do Coração de Jesus. São Paulo: Paulus, 2024.
- FRANCISCO, PP. Carta Encíclica *Fratelli Tutti*. Sobre a Fraternidade a Amizade Social. São Paulo: Paulus, 2020.
- FRANCISCO, PP. Carta Encíclica *Laudato Si'*. *Louvado sejas*. Sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus; Loyola, 2015.
- FRANCISCO, PP. Comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos. Discurso do Santo Padre, o Papa Francisco. Aos 17 de outubro de 2015^a, in <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/>

october/documents/papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html, acesso aos 30/07/2025.

FRANCISCO, PP. *Esperança*. A Autobiografia. São Paulo: Editora Schwarcz, 2025.

FRANCISCO, PP. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. A Alegria do Evangelho. Sobre o anúncio do evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus, 2013.

FRANCISCO, PP.; TORNIELLI, A. *O nome de Deus é misericórdia*. São Paulo: Planeta, 2016.

GONÇALVES, P.S.L. Epistemologia Teológica Libertadora: conceitos e debate, in *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v. XXIV, n. 66, p. 581-602, 2020.

GONÇALVES, P.S.L. Igreja e Missão no contexto de pós-modernidade, in *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v. XXII, n. 59, p. 363-389, 2018.

HEIDEGGER, M. *O meu caminho na Fenomenologia*. Covilhã: Lusofia, 2009.

HEIDEGGER, M. *Ontologie. Hermeneutik der Faktizität. Gesamtausgabe 63*. Frankfurt Am Main: Vittorio Klostermann, 1982.

HEIDEGGER, M. *Phänomenologie des Religiösen Lebens. Gesamtausgabe 60*. Frankfurt Am Main: Vittorio Klostermann, 1995.

HEIDEGGER, M. *Phänomenologische Interpretationen zu Aristoteles. Einführung in die Phänomenologische Forschung. Gesamtausgabe 61*. Frankfurt Am Main: Vittorio Klostermann, 1985

HEIDEGGER, M. *Sein und Zeit. Gesamtausgabe 2*. Frankfurt Am Main: Vittorio Klostermann, 1976.

LABOISSIÈRE, P. Papa Francisco morre aos 88 anos; conheça a trajetória, in <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2025-04/papa-francisco-morre-aos-88-anos-conheca-trajetoria-pontifice>, acesso aos 30/07/2025.

MIATO, B. Papa Francisco rezou na praça São Pedro vazia na pandemia, in <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/04/21/papa-francisco-rezou-pela-humanidade-em-praca-sao-pedro-vazia-na-pandemia-relembre.ghtml>, acesso aos 30/07/2025.

MIRANDA, M.F. *A reforma de Francisco*. Fundamentos Teológicos. São Paulo: Paulinas, 2017.

PASSOS, J.D. *O pontificado do Papa Francisco*. Entre a preservação e a conservação. São Paulo: Paulinas, 2025.

RAHNER, K. *Curso Fundamental da Fé*. São Paulo: Paulinas, 1989.

RICOEUR, P. *Autrement*. Lecture d'Autrement qu'être ou au-delà de l'essence d'Emmanuel Lévinas. Paris: Presses Universitaires de France, 1997.

SCAMPARINI, I. Ilze Scamparini relembra quando fez a pergunta ao Papa Francisco sobre Gays, in <https://www.youtube.com/watch?v=DTshNnKRyLI>, acesso aos 30/07/2025.

SCANNONE, J.C. *Nuevo punto de partida de la filosofía latino-americana*. Buenos Aires: Guadalupe, 1990.